

O CRIME COMPENSA?

RONAUDY WARLI
DA SILVA RWDS



Sumário

Introdução.....	3 à 4
Desbravando o Crime.....	5 à 9
Troca de líderes.....	10 à 24
Novo Ciclo.....	25 à 27
Uma Sombra Surgia na Espreita.....	28 à 34
Mergulhando de Cabeça.....	35 à 63
Contrapartida.....	64 à 73
Enchente e Desabrigados na Favela.....	74 à 76
Dona Dica.....	77 à 80
Surge a 1ª Dama na Favela.....	81 à 105
A carga é Remetida.....	106 à 112
Armadilha do Desejo.....	113 à 115
Depois de 2 Anos de Prisão.....	116 à 117
Desmorona Todos os Sonhos.....	118 à 123
Qual o Sentido de Tudo?.....	124 à 130
Deixar o Orgulho de Lado.....	131 à 133
O Início de Um Recomeço.....	134 à 140
Agradecimentos.....	141 à 142
Glossário.....	143 à 150
Aviso Legal.....	151 à 152

Introdução

Gostaria de expressar meu sincero agradecimento por ter acreditado na criação deste breve trabalho.

Este livro é um romance de literatura contemporânea, que aborda as conseqüências causadas por atos e desconsertos de uma vida cotidiana.

Vamos tentar contextualizar e permear caminhos que retratam não somente algumas famílias, mas também a forma na qual alguns se comportam numa sociedade de precariedade de feitos e de ausência de oportunidades.

Qualquer semelhança com a natureza deste livro será mera coincidência relacionada ao dia a dia que vivemos no Brasil, pelo menos 5% desse livro tem indícios reais, nas quais foram associadas com fantasias e situações imaginárias para dar outro sentido as cenas.

Nomes foram modificados para preservar familiares e pessoas que estiveram ao redor dos mesmos.

É muito importante usar a imparcialidade, para não julgar o errado como certo, nem o certo como errado, evitando desvirtuar os valores de uma sociedade.

Todo ser humano deve ter seus direitos não somente preservados, mas também exercidos de maneira plena, até o ponto em que todos estejam em situação de igualdade.

“Todas as grandes coisas são simples. E muitas podem ser expressas numa só palavra: liberdade; justiça; honra; dever; piedade; esperança.” Winston Churchill

Desbravando o Crime

No final da década de 70 até meados de 80 em uma favela do Rio de Janeiro, quatro homens (Celinho, Cunha, Dicunha e Cuca) aparecem vindos de outra favela próxima, começaram a desbravar esse território e fazer amizades com moradores locais.

Até então todos ali viviam como pessoas simples, um tempo que até então tinha seu tempo de paz e de alegria, sem o risco de violência, a maioria dormia com suas janelas abertas sem o receio de algum dano as suas vidas.

Às vezes tinha um ou outro que comia a galinha de um vizinho ou pegava os ovos, pegava uma cana no canavial de outro, um aipim, mangas, se metia com mulher casada, um erro sempre será um erro, embora possam definir como errado, correções entre eles aconteciam, acertos de contas, porém não se comparava aos dias atuais.

Algo de diferente existia nesses estranhos, eles trouxeram consigo cartas de baralho e quase todas as noites varavam as madrugadas, jogando um carteadado proibido chamado “ronda” valendo dinheiro com todos, ou seja, um jogo de azar, que podia se ouvir devido aos falatórios constantes.

Por ser proibido, era considerado como vadiagem, quem fosse pego poderia ser preso e levado para delegacia, sempre ficava alguém de olho, quem não estivesse jogando ficava em um ponto estratégico para vigiar a chegada da polícia.

Quando a polícia apontava na entrada da favela, com seu fusquinha, chamado de patrulhinha ou joaninha e o camburão ouviam um grito de sujou, quem estava na roda de carteadado, o responsável pela banca pegava as cartas, o dinheiro e só deixava a folha de jornal no chão e todos davam no pé, saiam correndo, se escondendo para não serem pegos.

Mais tarde ao perceberem que tudo estava calmo e a polícia tinha ido embora, todos saiam de suas tocas, esconderijos, retornavam ao jogo e continuava assim até sair um vencedor e parar a jogatina.

A banca, carteadado ou ronda era sempre aberta e montada na calada da noite, dentro do ponto de venda de entorpecente.

A influência desses homens estava crescendo e o apoio de moradores a eles seguiam na mesma proporção, começaram a trazer revólveres como garrucha e 22 com balas sobressalentes, no secreto ali iniciava o domínio do tráfico de drogas por alguns elementos, criado então um ponto de vendas de drogas, que lentamente foi sendo chamado de boca de fumo nessa localidade.

Em contrapartida alguns moradores começaram a segui-los se colocando à disposição deles para fazerem parte dessa empreitada, porque viram a facilidade de ganho e poder.

Começaram a se iludir que esta seria a oportunidade para subir na vida, alguns começaram a evitar a escola, a faltar o trabalho, um ou outro desistiu de jogar futebol, alguns largaram a igreja, com isso lentamente o ambiente foi sendo modificado de forma gradativa, uma parcela bem significativa entrou nesse meio.

Nesta favela dois amigos de infância começaram a se destacar nesse período de construção da malandragem nessa área, Portuga e Dante, enquanto o primeiro era dominador astuto, o segundo era mais brincalhão e habilidade criminosa afiada, um completava o outro.

Esses foram nomeados para tomar conta do ponto de vendas das drogas, começava ali dois chefes do morro que foram nascidos e criados na favela se despontando na criminalidade.

Como todo poder custa um alto preço, acima desses quatro tinha um chefe (Magrão) que percebeu que estava sendo

roubado, porque as finanças não batiam, resolveu chamá-los ao quartel general na favela na qual eles pertenciam, onde ali houve um interrogatório, que na gíria carioca era chamar na chinha, trocar uma idéia.

De uma troca de idéia, se perderam nas palavras (Celinho, Cunha, Dicunha e Cuca) e não conseguiram explicar o desvio das quantias, tiveram que entregar as armas, o material entorpecente e o dinheiro arrecadado no dia.

Nessa conversa parecia um tribunal, esse julgamento durou algumas horas e todos perderam suas vidas de formas cruéis, onde seus corpos foram espalhados pela cidade.

Troca de Líderes no Comando

Nesse dia Portuga e Dante estavam presentes nesse julgamento, depois da conversa encerrada, Magrão Tortinho nomeou os dois na linha da sucessão, sendo assim eles se tornaram braços direitos dele.

Esse indivíduo chamado de tortinho resolveu ficar mais tempo nessa nova favela, liderando dali, porque dali começou a se gerar um maior rendimento, e o domínio dali lhe favorecia pela localidade e a facilidade estratégica de fuga.

Para conquistar ainda mais a confiança das pessoas ele distribuía alimentos para quem fosse até ele pedir pela necessidade, uma forma de ter os moradores nas mãos.

Filosoficamente, essa situação pode ser vista de várias maneiras. A aceitação de ajuda por uma pessoa pobre de alguém considerado "não politicamente correto" pode levantar questões sobre a moralidade, a ética da assistência e as dinâmicas de poder, se contrapondo a ausência do estado

nessas localidades, deixando pessoas vulneráveis, o que passa despercebido quando se trata de moralidade, resultando em:

Dilemas Morais: A decisão de aceitar ajuda pode entrar em conflito com os valores ou princípios da pessoa. Isso levanta questões sobre até que ponto a necessidade justifica a aceitação de ajuda de alguém que pode ter opiniões ou comportamentos inconstitucionais;

Necessidade vs. Princípios: A pobreza pode levar a uma escolha pragmática, onde a sobrevivência e a dignidade imediata superam as preocupações sobre a origem da ajuda. Esse dilema pode ser analisado sob a perspectiva do utilitarismo, onde a consequência (a ajuda recebida) é mais importante que a fonte, o que nada justifica os meios contraditórios;

Dinâmicas de Poder: A relação entre quem ajuda e quem recebe ajuda pode ser complexa, refletindo desigualdades sociais. Isso pode ser visto através da lente da teoria crítica, como lei da sobrevivência ou

simplesmente é errado fazer essa concessão como se tudo fosse normal;

Autonomia e Dependência: Aceitar ajuda pode ser visto como uma diminuição da autonomia, mas também pode ser um ato de resistência em contextos de desigualdade. A questão da dignidade da pessoa em situação de pobreza se torna central.

Essas questões podem gerar discussões profundas sobre ética, solidariedade e a natureza das relações humanas em contextos de desigualdade, dentro desse contexto os menos favorecidos sempre estarão nessa de questionamentos, porque quem tem a máquina do poder na mão não pode cruzar os braços, não se comover e não mudar esse cenário.

Em uma determinada época uma pessoa sentenciada foi amarrada, trazida até o Tortinho, com alegação de que tinha sido pega roubando. No alto da favela, em uma birosca bar, botou ele sentado para aguardar a sentença.

Sempre que acontecia uma situação dessas, ele tinha um ritual a seguir, devido a sua crença particular, ou seja, ele pegava um refrigerante colocava em cima do balcão e começava a beber, se ele conseguisse beber tudo ele liberava a pessoa, isso indicava para ele que a pessoa era inocente e merecia uma segunda chance.

Era tipo um transe, parecia que mudava a sua forma de agir, de falar, de interagir com todos ao redor, de andar de um lado para o outro, tão agonizante que essa alteração da consciência podia durar 1 minuto como 3 horas, tudo dentro de um senso psicótico, tipo roleta russa.

Seus seguranças nesse momento ficavam a meia distância aguardando o término do ritual para acatar a sentença.

Mas por fim essa pessoa foi agraciada com outra chance, desamarrada e liberada. Mas muitos não tiveram essa sorte e foram entregues ao azar perdendo suas vidas, sumindo do mapa.

Portuga e Dante foram ganhando a confiança do chefe Tortinho, começaram a realizar assaltos para poder fortalecer o exército que eles estavam construindo.

Muitas festas eram realizadas para comemorar a fase e ascensão dos dois, com músicos, muita comida, até boi inteiro eles pediam para assar, muita bebida, refrigerante e bolos gigantes que podiam chegar a 3 metros, encomendado no comércio local, que sabendo que era para as crianças da comunidade, acabavam fornecendo sem querer pagamento, isso gerava proteção e respeito de Tortinho, Portuga e Dante.

Essas festas começavam na sexta feira e podiam se desenvolver até a queima dos ossos no domingo durante o dia tinha pessoas que moravam na rua e subiam o morro para poder participar, Tortinho, Portuga e Dante se tornaram os gangsteres muito conhecidos e temidos na região.

O que despertou interesse de comunidades rivais a invadir essa favela e tentar dominar, mas ao mesmo que queria assumir o poder da região, eles tinham muito receio pelo fato de não conhecerem bem o local e os chefes serem muito temidos, onde se caso perdessem na investida poderiam pagar com suas vidas.

Dante por ser habilidoso, demonstrava audácia na sua vida louca, adorava uma adrenalina, com armas e carros, muitas vezes ele era informado que havia algum inimigo de outra favela rondando a área, ele simplesmente pegava seu carro modificado, colocava sua arma dentro dele e ia atrás, ou botava pra correr ou simplesmente eliminava o oponente.

Por isso temiam muito eles, pela audácia deles não terem medo do que pudesse acontecer, tudo se resolvia na bala.

Tinha uma frase na entrada da favela que dizia: “pague para entrar e reze para sair”. Eles deixavam sinais de que ali era um